



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE CURSO DE LICENCIATURA EM DANÇA
DEPARTAMENTO DE DANÇA**

VITOR EMANUEL DA CÂMARA OLIVEIRA

**TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO
ENTRE A ARTE E A REALIDADE: ENSINO DA DANÇA E SEUS DESAFIOS NA
EDUCAÇÃO PÚBLICA: UMA EXPERIÊNCIA NO CENTRO DE EXCELÊNCIA
BARÃO DE MAUÁ PELO PROGRAMA RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA DA
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE.**

**ARACAJU
2025**

VITOR EMANUEL DA CÂMARA OLIVEIRA

**TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO
ENTRE A ARTE E A REALIDADE: ENSINO DA DANÇA E SEUS DESAFIOS NA
EDUCAÇÃO PÚBLICA: UMA EXPERIÊNCIA NO COLÉGIO BARÃO DE MAUÁ
PELO PROGRAMA RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA DA UNIVERSIDADE
FEDERAL DE SERGIPE.**

Trabalho de Conclusão de Curso da
graduação de Licenciatura em Dança
da Universidade Federal de Sergipe.

Orientador: Prof. Dr. Lino Daniel
Evangelista Moura

ARACAJU
2025

VITOR EMANUEL DA CÂMARA OLIVEIRA

**TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO
ENTRE A ARTE E A REALIDADE: ENSINO DA DANÇA E SEUS DESAFIOS NA
EDUCAÇÃO PÚBLICA: UMA EXPERIÊNCIA NO CENTRO DE EXCELÊNCIA
BARÃO DE MAUÁ PELO PROGRAMA RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA DA
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Departamento de Licenciatura em Dança da
Universidade Federal de Sergipe como requisito à
obtenção do grau de _____.

Aracaju, ____ de _____ de ____.

Banca Examinadora

Profº. Dr. Lino Daniel Evangelista Moura

Profª. Dr. Edna Maria do Nascimento

Profº. Me. Ramon Diego Fonseca Costa

Agradecimentos

Aos meus pais por me ensinarem a ser quem sou e em especial ao meu pai Manoel Dias, cuja ausência é sentida cada dia, que me colocou na minha primeira aula de dança, e de lá para cá me ajudou e me deu muito apoio durante a formação, é com imensa gratidão que dedico este trabalho a ele, e a minha mãe Antônia que nunca deixaram faltar nada para mim e meu irmão.

A Fernanda Matos, minha professora de artes do ensino médio, que me apresentou ao curso de dança no último ano do ensino médio, e que foi de grande influência na minha escolha.

Aos meus amigos que sempre estiveram comigo mesmo de longe, Diandra, Nicolas, Catarina, Henrique, Arthur, Flávia, Natalia, Carla, e Viviane a minha parceira na dança com quem conheci o Jazz e amo até hoje.

A Jonas Karlos, Edna Maria, Bianca Bazzo, Clecia Queiroz, Paulo Lacerda que sempre estavam disponíveis para conversar e a desabafar nos momentos que precisava, e em especial meu orientador e coordenador do curso Daniel Moura, que sempre deu grande apoio aos grupos que fiz e faço parte.

Aos amigos que conheci na formação Ane Maria, Gabrielly, Beatriz, Carolaine.

A Tainá Fraga e Katarinne Rocha, pelo apoio, pelos momentos de diversão e desabafo, pelos momentos de diálogo, pelas coreografias, pelos projetos.

Ao meu grupo de dança *Glam Monsters* que topam todas as minhas ideias malucas inclusive o projeto que surgiu junto com esse TCC, que inclui Vinicius, Adenos, Ariadny, Thaila, sou grato a Hevilly minha ex-aluna e uma das melhores pessoas que já conheci, e a Luana a sua criatividade, compaixão, brilho e força e incentivo a nunca desistir.

Resumo

A seguinte pesquisa visa descrever e estimular a mudança das relações político-sociais em relação à dança na escola inserida na grade curricular do ensino fundamental e médio na disciplina de artes. Mostrando as dificuldades e adaptações de um processo que inicia em seu planejamento, partindo para uma prática que se encontra com o imprevisto e o imprevisto. Montando uma percepção dos pontos de vista de alunos e professores, assim como dos bolsistas residentes que participaram do projeto de Residência Pedagógica do Curso de Licenciatura em Dança da Universidade Federal de Sergipe. A observação e sensibilidade sobre a desenvoltura e adaptação de cada aluno para com as aulas também fazem parte do intuito da pesquisa, mostrando então a necessidade da experiência prévia de cada profissional do ensino para direcionar aulas e adaptá-las quando necessário, visando os desafios do ensino público das escolas brasileiras e, em específico, do Centro de Excelência Barão de Mauá em Aracaju, Sergipe. Sendo utilizado como metodologia para as aulas a ênfase da consciência corporal, pensamento crítico, introdução às manifestações culturais de Sergipe, trazendo as experiências individuais de cada um, construímos um ambiente acolhedor onde as alunas puderam de forma ampla falar suas ideias, propostas, sugestões de temas e músicas para trabalhar, assim a aprendizagem parte do princípio que ensinar também é aprender e enquanto professores compartilhamos conhecimento e somos receptores dele.

Palavras-chave: Dança, Artes, Residência Pedagógica, Ensino

Abstract

This research aims to describe and encourage the transformation of political-social relations concerning dance in schools, where it is included in the curriculum of elementary and high school within the arts subject. It highlights the difficulties and adaptations of a process that begins with planning and moves into a practice often marked by unpredictability and improvisation. The study presents perspectives from students, teachers, and the scholarship holders who participated in the Pedagogical Residency project of the Dance Teaching Degree Program at the Federal University of Sergipe. Observation and sensitivity to each student's development and adaptation during classes are also part of the research's intent, demonstrating the need for prior experience from each education professional in order to guide and adapt lessons when necessary, especially considering the challenges of public education in Brazilian schools, with specific focus on the Barão de Mauá Center of Excellence in Aracaju, Sergipe. The methodology used in classes emphasized body awareness, critical thinking, and the introduction of Sergipe's cultural manifestations. By bringing individual experiences into the classroom, we built a welcoming environment where students could freely express their ideas and suggest themes and music to work with. Thus, learning stems from the principle that teaching is also learning, and as teachers, we share knowledge while also being its recipients.

Keywords: Dance, Arts, Pedagogical Residency, Teaching

Sumário

Agradecimentos.....	4
Resumo.....	5
Abstract.....	6
Sumário.....	7
1. INTRODUÇÃO	8
2 A DANÇA INTEGRADA NO ENSINO	9
2.1 A dança como componente curricular e prática pedagógica.....	9
2.2 Programa de residência pedagógica e formação docente em arte:	10
2.3 Políticas públicas e o ensino da dança na educação Básica:	10
3. UMA EXPERIÊNCIA: CENTRO DE EXCELÊNCIA BARÃO DE MAUÁ..	14
3.1 Características da escola e público-alvo:	14
3.2 O Programa residência pedagógica e sua aplicação na escola:	17
4. DESAFIOS E DIFICULDADES DO ENSINO DE DANÇA NA REDE PÚBLICA	21
4.1 Estrutura física e recursos limitados:	21
4.2 Baixo apoio institucional e valorização da dança:	24
4.3 Adaptações pedagógica para as aulas de dança:	25
4.4 Engajamento e interação com os alunos:	26
5. ANÁLISE DOS RESULTADOS E IMPACTOS OBSERVADOS.....	27
5.1 Benefícios da dança no desenvolvimento dos alunos:	28
6. CONCLUSÃO	29
7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	29

1. INTRODUÇÃO

O Programa de Residência Pedagógica faz parte de uma política pública que visa melhorar a formação dos alunos de licenciatura, facilitando a aproximação do licenciando com sua futura área de atuação, levando os universitários às escolas. O relato aqui apresentado mostra a jornada neste projeto e como a atuação docente possibilita o desenvolvimento de habilidades lógicas para lidar com os imprevistos do cotidiano escolar.

Tendo em vista a dança enquanto linguagem do campo de conhecimento das artes, como formas de expressão humana e objetos para a compreensão do mundo e o ensino, revelando uma dimensão psicológica que permite ao indivíduo a compreensão da própria condição física. Sendo assim, dentro do Centro de Excelência Barão de Mauá, após o diagnóstico do preceptor, foi feito um levantamento sobre o conhecimento geral em danças tradicionais, leis voltadas ao ensino da dança e as linguagens de dança que cada um dominava.

Deste modo, foi possível montar um plano de curso para trabalhar na escola, pensando em criar uma comunidade de alunos que pensassem a dança além do âmbito da escola, que desenvolvessem o pensamento crítico sobre o corpo que dança. Corpo esse muitas vezes à margem da sociedade, assim como afirma Marques (2012), no livro “Dança na escola: arte e ensino”. Assim como Galleli (2018), constrói percepções na revista “Hoje a aula é na rua: as ressignificações do espaço de ensino”, que são utilizadas durante esse texto.

De caráter teórico-prático, este trabalho pretende relatar a experiência no Programa de Residência Pedagógica do curso de Licenciatura em Dança da Universidade Federal de Sergipe, em atividades voltadas ao pensamento crítico, práticas corporais, expressão criativa, conexão cultural e social, explorando diferentes linguagens de dança, conhecimento da cultura local, além dos benefícios para a saúde, pensando do ponto de vista físico, utilizando elementos da dança como forma de desenvolver a consciência corporal.

A prática na residência prova-se um grande desafio, porém transformador para os novos professores do ensino público e privado, mostrando a necessidade de uma experiência prévia para o ingresso dos profissionais das Artes na docência. Esse trabalho passa por um relato específico do ponto de vista e da experiência de um dos bolsistas residentes do projeto, contando com imagens da escola e também de atividades que foram realizadas durante o processo de um ano.

A residência é essencial para as licenciaturas. Esse método de ação visa trazer para os alunos dos cursos de licenciatura a aproximação do que foi estudado com o que será aplicado na prática assim que se tornarem profissionais licenciados em dança em ambientes de ensino, mostrando-lhes as dificuldades e possibilidades durante a jornada da busca e do compartilhamento do conhecimento. Através dessa ação, os bolsistas residentes visualizam as metodologias mais apropriadas para serem aplicadas em sala de aula e que estão mais de acordo com a realidade dos alunos. Realidade essa que muda de pessoa para pessoa, de turma para turma e até de escola para escola.

2 A DANÇA INTEGRADA NO ENSINO

2.1 A dança como componente curricular e prática pedagógica

É possível perceber que a dança pode e deve ser um meio de conexão com os alunos, para que identifiquem e conheçam o mundo de forma significativa e crítica, como afirma Marques (2012, p. g.) que “A dança, enquanto arte, tem o potencial de trabalhar a capacidade de criação, imaginação, sensação e percepção, integrando o conhecimento corporal ao intelectual”. O que antes se tornava uma prática apenas relacionada ao entretenimento, ou recreação, hoje passa a ser vista como meio pedagógico. Porém, onde se encaixa a dança? É recorrente a dúvida e a dificuldade para agregar a dança dentro do currículo das escolas brasileiras.

O ensino da dança não se assemelha ao ensino da Educação Física, mas se encaixa como abordagem de prática corporal. Se encaixa como um campo das Artes, porém não é possível envolver apenas a Dança como abordagem artística, acima de tudo quando é preciso englobar todas as linguagens artísticas dentro do planejamento e da carga horária necessária nas escolas. Dessa forma, a dança é muitas vezes tratada de maneira superficial no contexto escolar, limitando seu potencial pedagógico.

Com um pensamento sobre a dança na educação, Marques afirma que o ensino da dança não pode ser apenas o movimento por si só, mas sim a investigação por trás da coreografia, da história, do contexto, da estética, tudo que envolve aquela dança (2012, p. 5). Então a teoria e a prática, dentro do ensino, precisam ser exploradas, emergidas e abordadas com os alunos. As danças populares, as danças estrangeiras, as danças clássicas, a composição coreográfica, a improvisação em dança, as abordagens contemporâneas da dança; é preciso investigar e contextualizar a dança na sala de aula.

A partir da afirmação: “(...) Este é o grande papel da escola: integrar o conhecimento do fazer dança ao pensá-la na vida em sociedade.” (MARQUES, 2012, p. 5). É fundamental compreender que a escola possui um papel essencial na formação cultural e corporal dos alunos, sendo também responsável pelo modo como a dança é ensinada à sociedade. Nesse sentido, é imprescindível que o ensino da dança nas instituições de ensino seja conduzido por profissionais devidamente capacitados, que compreendam tanto os aspectos técnicos quanto os pedagógicos da linguagem da dança. Sejam professores de Artes, de Educação Física ou responsáveis por atividades extracurriculares, cabe a esses profissionais não apenas apresentar a dança como uma atividade prática, mas explorar seu potencial expressivo, histórico, social e artístico. Assim, evita-se uma abordagem superficial, promovendo uma experiência mais significativa, crítica e transformadora.

Dança não é apenas o que se vê na mídia, ou até o que se repete diversas vezes sem qualquer exploração de seus contextos, apenas uma mera cópia de passos. Coreografias que não se constroem, mas se replicam de terceiros, minando dessa forma a criatividade ou até o interesse por trás do que se está dançando. Os professores da área da dança precisam estar conectados e bem informados sobre todos esses aspectos, para identificar quando devem ou não elucidar os estigmas sobre a dança e suas práticas.

2.2 Programa de residência pedagógica e formação docente em arte:

O Programa Residência Pedagógica do curso de Licenciatura em Dança da Universidade Federal de Sergipe, tendo como preceptor Me. Ramon Costa, junto com mais uma das professoras da escola Esp. Michele Pereira, ambos proporcionaram grandes desafios que foram necessários para o entendimento da prática docente. Construir diferentes abordagens era necessário dentro do ensino, algo que foi possível perceber durante o ensino teórico na graduação em Dança. Porém, apenas ao ingressar no programa de residência pedagógica, se tornaram transparentes as dificuldades e reais adversidades que o ensino da dança enfrenta.

A divisão de tarefas foi feita com base na experiência prática que cada um possuía antes de entrar no programa, para que aproveitasse ao máximo do conhecimento adquirido anteriormente, e que pudesse desenvolver habilidades diferentes. A carga horária era de seis horas por semana, em que quatro horas eram distribuídas da seguinte maneira com os alunos, as outras duas serviam para reuniões e preparações de planos de aula. Dessas quatro horas no primeiro semestre, a atuação direta foi feita na disciplina de artes duas vezes por semana, uma aula na terça e uma na quinta, no 6º horário, e na eletiva de dança que acontecia uma vez por semana, às sextas-feiras, no 4º e 5º horário. Na disciplina de artes, ficaram três bolsistas residentes: Vitor Emanuel, Taina Fraga e Amanda Oliveira. Do tempo que possuíamos, um era responsável por introduzir o tema da aula, os três revezaram na explicação, e um era responsável por aplicar atividades. Na eletiva de dança acontecia da mesma forma, com a divisão sendo feita para quatro bolsistas residentes, incluindo Beatriz Cabral, um no aquecimento, dois na parte prática e um no encerramento, feito com técnicas de respiração para acalmar o corpo.

No segundo semestre, a atuação dos bolsistas residentes foi feita na disciplina Estética do corpo e vídeo dança, que acontecia nos dias de sexta-feira nos últimos dois horários da tarde e na eletiva de dança que permaneceu no mesmo horário do primeiro semestre. A divisão de tarefas da eletiva foi feita para cinco bolsistas residentes. Amanda precisou se afastar do projeto e então Lívia Andrade e Fabiola Santos se juntaram ao grupo. E assim ficou responsável pelo aquecimento, uma para a parte prática, e uma para a conclusão, e alternava de uma semana para a outra. Em estética do corpo, também dividido para cinco bolsistas residentes, cada aula era feita por dois bolsistas residentes, e os outros três ficavam como supervisores, responsáveis pela projeção de vídeo, equipamento de som e materiais didáticos.

No Residência Pedagogia, montamos estratégias e ações, formas de falar e de se portar para trabalhar diretamente com o aluno, para o ensino da dança é essencial, pois incentiva as qualidades de cada discente. Partindo da vivência e do entendimento das formas de trabalhar com o corpo, suas possibilidades e limitações, o estudo do movimento, assim como os demais conteúdos relativos à área da dança.

Na vivência docente, compreende-se que cada aula carrega sua própria dinâmica, exigindo do professor a capacidade de lidar com o inesperado e de adaptar-se constantemente às situações que surgem no cotidiano escolar. Não havia plano de aula ou sequer planejamento extra que se fizesse suficiente para adaptar os imprevistos que

envolvem o ensino na escola pública. Essa vivência se faz necessária para todos os profissionais que estão iniciando suas carreiras de professores, onde ainda não experienciaram vivências que envolvessem desafios. Desenvolver a habilidade de se readaptar, mantendo ainda o foco das aulas, sem escapar do conteúdo necessário para o currículo escolar, são práticas que serão recorrentes nas escolas.

O ensino das Artes na escola hoje em dia conta com as linguagens da Música, Artes Visuais, Dança e Teatro, todas agregadas através da Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Os docentes que se formam em uma dessas áreas se veem de frente com o desafio de aplicar e contextualizar todas as linguagens artísticas dentro do currículo do discente. Para aqueles que possuem formação em Dança, encaram a necessidade de abdicar das práticas com dança para dar continuidade a assuntos e outros contextos que envolvem as diferentes artes citadas.

Na Residência da UFS, foi possível experienciar diversas formas de ensino, com Artes em geral, focando na BNCC, assim também como tendo o foco com Artes Visuais. As aulas seguiam desde contextualizações históricas até experimentações práticas. Partindo do foco da BNCC, foi possível perceber e vivenciar na prática como funcionam as diretrizes da educação brasileira. O planejamento que envolve a sociedade, tornando possível alcançar todos dentro do contexto artístico, auxilia para melhor amplitude e adequação da realidade das pessoas que coexistem e vivem sua cultura e realidades no estado e no país.

Para quem se torna professor, é fundamental compreender as especificidades do ensino e das vivências com as Artes. Nesse processo, não há espaço para a desinformação, sobretudo quando se considera que muitas comunidades ainda mantêm vivas suas formas artísticas de ser e viver, preservando saberes tradicionais e contemporâneos. Durante o Programa de Residência Pedagógica, torna-se comum encontrar alunos e professores que fazem parte desses contextos culturais. Isso aproxima o campo de estudo da prática, tornando o contato com a realidade escolar uma metodologia valiosa. Lidar com essas experiências cotidianas, repletas de desafios e descobertas, é parte essencial da formação docente, pois exige sensibilidade, escuta e preparo para agir diante do inesperado.

Uma das questões que também se torna um desafio para a formação em Artes vem conectada com o fator da escassez de vagas no mercado de trabalho. Uma vez que formado no contexto artístico, é preciso entender que o espaço em sala de aula será reduzido em comparação com outros componentes curriculares. No Programa de Residência Pedagógica, foi possível encontrar maior desenvolvimento com as Artes, tanto por conta do horário habitual de aulas, no qual se comprometeram 2 horas semanais, mas também através de aulas extracurriculares.

A visão do “eu” como objeto de estudo, no sentido de auto percepção e reflexão crítica sobre o papel de professor em formação, para que esse processo fizesse parte da capacitação para o mercado de trabalho, tornou-se uma base prática e recorrente, para contextualizar e aproximar os alunos do que estava sendo retratado nas aulas. Existiram diversas situações em que foi preciso utilizar experiências que também envolviam o ponto de vista e as vivências dos próprios professores. Essa metodologia em específico se fez necessária a partir do momento em que nos encontramos de frente a diferentes

pessoas, muitas delas jovens, com pouco interesse no aprendizado e que muitas vezes se desassociaram do que estava sendo lecionado em sala.

O projeto possibilita uma grande abertura para se aproximar do contexto da sociedade por meio dos alunos. Saber diretamente como funciona o ensino às crianças e especificamente (por conta do foco do programa) aos adolescentes, na educação brasileira, auxiliou para uma reformulação de planejamentos, readaptação de expectativas e uma prática mais realista do que fazer, como fazer, quando fazer e onde.

2.3 Políticas públicas e o ensino da dança na educação Básica:

A dança foi inserida nas escolas brasileiras a partir do ano 2016, através da lei 13.278/16. A lei altera a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB – 9.394/96), acomodando nas escolas Dança, Teatro e Artes Visuais, onde antes apenas a Música se fazia presente no ensino das Artes. Essa inclusão permitiu que o sistema de ensino abrisse mais espaço para profissionais, assim como permitiu a melhor adesão de alunos nessa área.

O ensino de Arte com ênfase na Dança nas escolas públicas brasileiras ainda carece de suporte educacional adequado, seja em termos de infraestrutura, formação docente, materiais pedagógicos ou valorização curricular, diferentemente do que ocorre com disciplinas como Matemática Português e Biologia. Mesmo assim, é interessante pensar na dança nesse espaço, pois é uma oportunidade única de ajudar os alunos no desenvolvimento físico, proporcionando melhor expressão corporal, disciplina, ajuda na criatividade e autoestima, fora toda a carga cultural, história e comunitária que é criada e investigada através da dança, bem como a reflexão crítica. Essa falta de suporte educacional é uma das principais dificuldades enfrentadas no ensino da dança. Algumas das barreiras são a falta de infraestrutura adequada nas escolas, instrumentos que auxiliem o professor e o aluno, e o baixo reconhecimento dessa área como uma disciplina de ensino fundamental e médio na rede de ensino nacional.

Na BNCC, essas linguagens precisam ser aplicadas de acordo com seis dimensões do conhecimento, sendo elas: criação, crítica, estética, expressão, fruição e reflexão. Onde é preciso perpassar por cada uma delas simultaneamente, ou seja, dar o espaço para que cada aluno em cada uma dessas dimensões do conhecimento, adjunto de uma metodologia para que agregue todos os elementos.

As metodologias de ensino podem construir percepções tanto verbais quanto não verbais, englobando também abordagens corporais, visuais, sensitivas e plásticas, entre outras. Muitas dessas abordagens vão além do material, incorporando elementos culturais e históricos. A BNCC (Base Nacional Comum Curricular) orienta sobre os objetos de conhecimento e as habilidades que devem ser abordados conforme os anos e níveis de ensino, tanto no ensino fundamental quanto no médio.

Essa abordagem se difunde durante todo o percurso anual nas escolas públicas brasileiras, construindo de forma dinâmica as aulas. O que antes se tornava um ensino repetitivo e reiterativo de bases europeias, onde muitas vezes não entrava em assuntos importantes e culturais como nossas heranças afrodescendentes e indígenas brasileiras nas Artes, hoje se torna necessário por lei. Assim como a constante necessidade de

contextualizar, investigar, experimentar, discutir, pesquisar e desenvolver que as habilidades propõem.

Embora existam diversos caminhos que ofereçam boas possibilidades para as aulas no ensino fundamental e médio nas escolas brasileiras, essas alternativas ainda não resolvem as dificuldades enfrentadas pelo sistema público de educação. Por um longo período, o sistema negligenciou a necessidade de ajustes e, atualmente, tenta reformular-se de maneira lenta e inconsistente, muitas vezes sem a segurança de que realmente haverá uma melhoria efetiva.

Hoje, o ensino fundamental e médio conta com uma carga horária extensa e o ensino integral, ou seja, a maior parte das escolas públicas adotaram aproximadamente 10 horas de carga horária diária. É uma oportunidade para aumentar o aprofundamento dos alunos em diversos outros componentes, incluindo as Artes, em específico a Dança. Porém, tornar isso apenas um componente curricular rígido na carga horária pode implicar a necessidade de cumprir com tarefas, alcançar notas, construir sem muita flexibilidade aquilo que deveria ser mais maleável.

A implementação da dança como parte do ensino médio exige investimentos em infraestrutura e formação de professores. Sem espaços adequados e profissionais qualificados, a dança pode se tornar mais uma promessa não cumprida. Além disso, é fundamental que a dança seja integrada a outras disciplinas, para que os alunos possam fazer conexões e construir um conhecimento mais significativo.

A dança possui um forte potencial transformador, indo além do corpo e tocando aspectos emocionais, sociais e cognitivos do ser humano. Como afirma Vianna (1990), “a dança não transforma apenas o corpo, mas a forma como o sujeito se movimenta no mundo”. No ambiente escolar, essa linguagem expressiva pode se tornar uma poderosa ferramenta pedagógica, pois, segundo Pederiva (2001), “a dança é linguagem expressiva, transformadora e educativa, capaz de ampliar as possibilidades de comunicação do ser humano”. Assim, sua presença na escola contribui para o desenvolvimento integral do aluno, promovendo autoconhecimento, expressão e inclusão.

Mas para que a dança realmente faça a diferença na vida dos alunos, é preciso que haja um investimento real e contínuo nessa área. Não é possível encontrar em todas as escolas o espaço adequado para a prática de dança, como salas com espelhos, som, chão apropriado, barras se necessário e até outros equipamentos de suporte. A falta de um espaço apropriado para a prática da dança limita as possibilidades de ensino e prejudica a experiência dos alunos.

A falta de infraestrutura é um problema que afeta não apenas a dança, mas todas as áreas do conhecimento. Nesse sentido, a ausência de recursos básicos agrava as desigualdades sociais, pois os alunos de escolas públicas com menos recursos têm menos oportunidades de aprender e se desenvolver, o que pode gerar desmotivação dos alunos e consequentemente a evasão do componente, ou até alcançar a evasão escolar.

A participação dos professores na elaboração das políticas educacionais é essencial para garantir que as necessidades dos alunos sejam atendidas, pois são eles quem veem de perto o que é necessário para a boa prática da Dança. A consulta aos docentes pode gerar soluções mais eficazes e promover um ensino de qualidade. Além disso, é preciso investir em parcerias com a comunidade e com instituições culturais para garantir

que as escolas tenham os recursos necessários para oferecer um ensino de dança de excelência.

É fundamental que os gestores educacionais compreendam que a dança é uma linguagem universal e que merece ser valorizada. Ao considerar as adversidades da comunidade brasileira, os projetos educacionais tornam-se mais relevantes e eficazes, contribuindo para a melhoria da qualidade do ensino e para a promoção da equidade. É preciso que os governantes invistam em educação e cultura, garantindo que todas as escolas tenham condições adequadas para o ensino e a aprendizagem. É fundamental que as políticas públicas e as iniciativas educacionais sejam pensadas a partir das necessidades reais da população, buscando soluções que promovam o desenvolvimento integral dos alunos.

3. UMA EXPERIÊNCIA: CENTRO DE EXCELÊNCIA BARÃO DE MAUÁ

3.1 Características da escola e público-alvo:

O Centro de Excelência Barão de Mauá, localizado na Rua José Araújo Neto, São Conrado, na cidade de Aracaju-SE. A escola possui uma estrutura que permite a realização de aulas práticas e teóricas; no entanto, não dispõe de um espaço específico destinado à dança. Apesar disso, foi possível improvisar em diversos momentos, adaptando os ambientes disponíveis. Ainda assim, a ausência de um local apropriado comprometeu a continuidade das atividades, uma vez que as aulas frequentemente sofriam interrupções. Na maioria das vezes, utilizávamos o pátio ou disputávamos o uso da quadra com outras turmas e componentes curriculares, o que exigia constante reorganização e flexibilidade.



Figura 1 a 2- Visão interna da quadra, turma inicial de eletiva
Fonte: Fotos tiradas pelos residentes

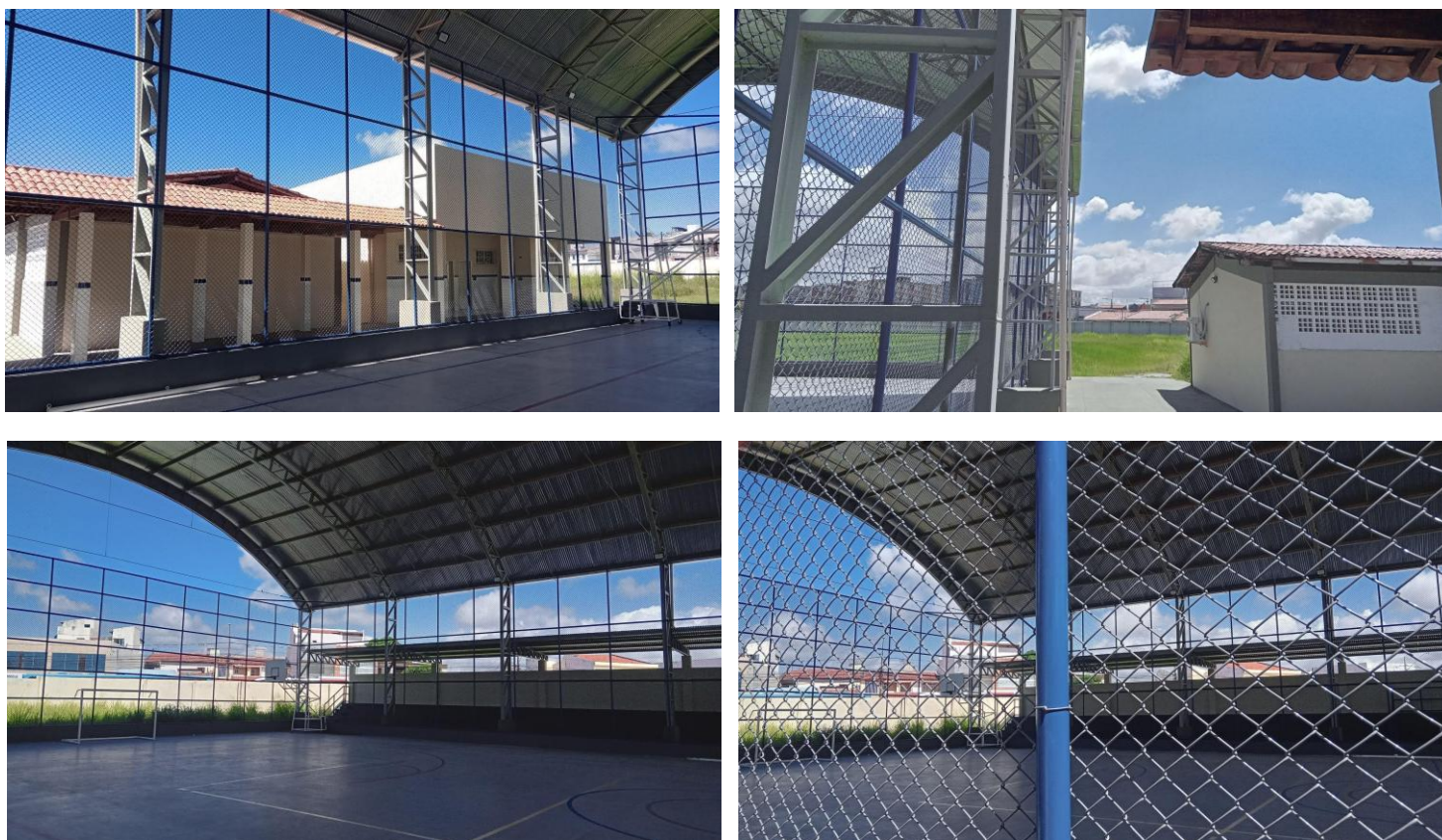


Figura 3 a 6- Visão interna e externa da quadra

Fonte: Fotos tiradas pelos residentes

Em algumas ocasiões, os alunos não se sentiam confortáveis em praticar na frente de outros colegas que não faziam parte do mesmo componente que era a dança. Não ter a opção de ter um espaço privado ou pelo menos mais reservado impossibilitou diversas experimentações com dança. Quando necessitávamos de um espaço para explicações teóricas, podíamos solicitar salas de aula sem problemas.

A maior parte dos alunos do Centro de Excelência Barão de Mauá é de baixa renda, ou com menos oportunidades, tanto para o ensino em geral, como em específico para a dança. Quando questionados sobre os saberes e fazeres com Artes, muitos não tinham a prática ou experiência com a Música, as Artes Visuais, Dança e o Teatro. Quando solicitados para fazer algo, muitos tinham o parâmetro das redes sociais, ou até do que viram outras pessoas fazerem antes. Poucos já tinham praticado alguma aula de dança, ou até feito qualquer obra artística ou performance.

Iniciar com turmas em sua maioria inexperientes deu uma grande abertura para abordagens, assim como exigiu muito da carga horária para a primeira modalidade que foi: construir técnicas e conceitos básicos das artes com ênfase em dança. Dentro da experiência com o foco na BNCC, eram poucos os conteúdos centralizados em dança diretamente, boa parte em conteúdos pragmáticos que em testes e avaliações. Podiam ser realizados dentro da sala de aula, como também no exterior, como práticas de pintura, práticas de artesanato, e tudo que fosse ligado às Artes Visuais.



Figura 7- Visão interna do pátio

Fonte: Fotos tiradas pelos residentes



Figura 8- Visão externa da escola

Fonte: Google Maps

Já a segunda modalidade que foi experienciada dentro do programa de residência pedagógica foi a eletiva, se tratava de um percentual extracurricular de aulas, onde cada aluno decidia em qual modalidade entraria. Existiam modalidades que abordavam culinária, música, vídeos, esporte, dança, química, robótica, entre outras diversas aulas em que cada professor da escola podia ministrar em conjunto ou sozinho. Muitos alunos excederam o tempo limite de escolha de uma eletiva, ou até não conseguiram se encaixar em alguma que desejassem, por conta disso foram realocados para onde havia vagas.

De início, a turma era populosa, entre 15 a 20 alunos, de modo geral engajados em experimentar, mesmo que houvesse um ou outro que tenha sido realocado de outra eletiva para a de Dança. Ao final do semestre, a eletiva contou com 10 a 7 pessoas, sendo que houve um ou outro aluno que só compareceu evitando perder a falta não justificada, sem realmente participar de forma efetiva. A maioria tinha entre 14 e 17 anos, era uma turma mista entre todas as turmas de ensino médio. Quem se engajava

com as aulas tinha como motivação a busca por mais experiência com dança, tornando assim possível a possibilidade de criar e construir mais experiências em conjunto.



Figura 9 e 10- Visão interna das salas de aula

Fonte: Fotos tiradas pelos residentes

3.2 O Programa residência pedagógica e sua aplicação na escola:

A fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) responsável por disponibilizar as bolsas do programa Residência Pedagógica, nos tornando bolsistas pelo curso de Licenciatura em Dança da Universidade Federal de Sergipe. Através dela, foi possível entender a importância da dança como viés transformador na vida dos estudantes. Durante esse tempo enfrentando diversas situações, fez-se possível perceber e analisar possíveis soluções, algumas dentro do campo da Dança em específico e outras que se relacionavam ao ensino das Artes em geral, necessitando assim da intervenção da escola e dos profissionais que coordenavam o projeto, para o que fosse preciso.

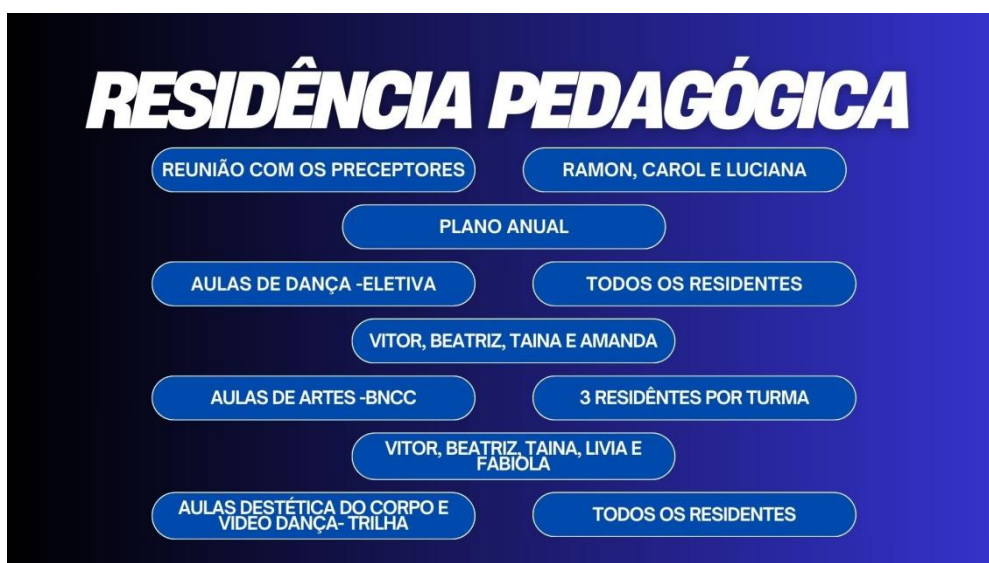


Figura 11- Organização do programa residência pedagógica.

Fonte: Acervo pessoal

Antes do início das atividades dos bolsistas residentes na escola, foram realizadas diversas reuniões com o coordenador do projeto, professor Dr. Daniel Moura e os preceptores Me. Ramon Diego, Me. Carol Natureza e Me. Luciana Fonseca. Esses encontros tiveram como principal objetivo discutir os fundamentos do Programa Residência Pedagógica, abordando tanto os objetivos gerais quanto os específicos. Também foram debatidas as leis de diretrizes de base (LDBs) e o uso da base nacional comum curricular (BNCC), com o intuito de orientar a elaboração dos planos de aula e promover uma melhor compreensão sobre as diferentes formas de atuação docente no ambiente escolar.

As aulas aconteceram a partir de encontros presenciais no Centro de Excelência Barão de Mauá em Aracaju. Nós, bolsistas residentes, passávamos o dia de sexta-feira na escola, das 8 horas até as 16 horas. Pela manhã, ministrando as aulas na eletiva de Dança e, no período da tarde, a trilha que tinha o foco em Cinema e Dança. Por se tratar de uma escola na modalidade integral, os alunos passam o dia todo na escola, e na grade possui disciplinas a mais do que o ensino médio convencional, chamadas de itinerários formativos, que são uma parte flexível do novo ensino médio em que os alunos podem escolher qual área de interesse se aproxima dos seus objetivos, dentro, e futuramente fora da escola.

A eletiva funciona como um projeto ou oficina dentro da instituição escolar, fundamentando-se nas áreas de conhecimento, especificamente em Linguagens e suas Tecnologias. Esse eixo contempla disciplinas como Língua Portuguesa, Arte, Educação Física e Língua Estrangeira. No nosso caso específico, a eletiva teve como foco a Arte, com ênfase na dança. Por outro lado, a Trilha é um programa voltado à capacitação dos estudantes para a realização de atividades em áreas específicas do conhecimento. Trabalhamos, por exemplo, com a Trilha de Cinema e Vídeo Dança, cujo objetivo principal foi desenvolver habilidades relacionadas ao uso da câmera de celular na produção de vídeos com qualidade profissional. Além disso, todos esses componentes foram articulados com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), especialmente no que diz respeito ao componente curricular de Artes, que nos oferece a possibilidade de integrar linguagens, explorar a criatividade e refletir criticamente sobre os processos artísticos contemporâneos.

Com a turma da eletiva, o trabalho durou o ano inteiro e foi possível ministrar aulas práticas através de um plano de curso elaborado anteriormente. Os seis primeiros meses foram focados em apresentar diversas linguagens de dança conhecidas e praticadas por todos do núcleo voltado às danças tidas como base. Já no segundo semestre, foram trabalhadas as danças tradicionais praticadas no território nacional, por ser um campo amplo e também por ser a sede do colégio, o foco foi o estado de Sergipe.

Era preciso saber que a cada processo, eles precisavam ser avaliados de uma forma, por isso foi organizada uma construção coreográfica para a finalização de cada momento. O início das aulas consistiu em explicação e contextualização do tema, e em seguida alongamentos, exercícios, práticas corporais e gestuais, experimentações, e por fim um diálogo do que foi trabalhado, com a intenção de saber dos alunos como foi conhecer cada uma das técnicas e das experimentações ou para quem já tinha a prática,

continuar a experiência no contexto da escola. Suas opiniões quanto ao que acharam interessante, o que conseguiram aproveitar e dúvidas que tivessem.

É importante lembrar que o ensino da dança não se limita ao modelo tradicional de aula centrado na figura do professor, com alunos sentados em carteiras enfileiradas diante de uma lousa. Ainda que esse formato seja comum e tenha seu valor, o ensino da dança propõe uma ampliação desse espaço. Quando se menciona “sala de aula” neste relato, deve-se compreender o termo de maneira ampliada, incluindo não apenas a sala convencional, mas também o pátio, a quadra ou a sala de linguagens, espaços que, embora nem sempre sejam adequados para práticas corporais, tornam-se o cenário possível e necessário para a construção do conhecimento em dança. A proposta pedagógica, portanto, busca romper com a rigidez física e hierárquica da sala de aula tradicional, conforme descrita por Galeli (2018), ao valorizar a experiência sensível e o movimento como parte do processo de aprendizagem.

[...] o espaço físico escolar (e dos objetos ali presentes), sejam em escolas, colégios, institutos e universidades, como os corredores, carteiras, lousas, filas etc. Quanto ao aspecto hierárquico, aula também nos remete às figuras do diretor, do coordenador, do inspetor (encarregado de cuidar da ordem) e do professor, que cuida tanto da ordem em sala de aula, quanto dos conteúdos que serão ali trabalhados. Na maneira como a aula tradicional se organiza, ela está totalmente centrada na figura do professor, o que é constatável simplesmente observando a disposição física dos componentes da sala de aula, em que ele, quando não está em um degrau acima dos alunos, tem a sua mesa e a lousa em posição contrária às carteiras, o que lhe permite ser visto, ao explicar uma matéria, e, ao mesmo tempo, vigiar. (GALELI, 2018, p112)

As aulas ministradas enfatizavam a consciência corporal, pensamento crítico e as manifestações culturais de Sergipe, conduzindo os alunos a realizarem movimentações pensadas e condizentes com a anatomia dos seus corpos, sabendo e respeitando sempre o seu próprio limite e tentando trazer entendimento sobre a movimentação que estava executando, evitando assim possíveis lesões corporais e proporcionando um conhecimento do próprio corpo e dinâmica corporal.

Segundo Gualda (2008, p. 209), “alguns profissionais propõem um ensino de dança no qual o corpo é visto como uma rica fonte de conhecimento e que, quando não objetificado, pode ser o lugar para a reflexão crítica.” Seguindo esse pensamento durante as aulas, foi possível observar um avanço significativo no desenvolvimento dos estudantes, especialmente entre aqueles que iniciaram no primeiro semestre e deram continuidade no segundo. A valorização do corpo como instrumento de expressão e reflexão contribuiu diretamente para o amadurecimento artístico e pessoal dos alunos, evidenciando o impacto positivo de uma abordagem pedagógica sensível e crítica no ensino da dança.

Desde o início, foram apresentados aos alunos os objetivos do projeto e a forma de trabalho que seria adotada para atingi-los. Também foi destacada a importância de estarem atentos às sensações corporais, à dinâmica, à postura e de cuidarem com mais cautela dos próprios corpos durante as práticas. Considerando que cada um dos bolsistas residentes possuía conhecimentos específicos em diferentes áreas, como consciência corporal, danças tradicionais sob uma perspectiva contemporânea, performance, além de linguagens como *k-pop* (abreviação de *Korean pop*, a música popular sul-coreana que combina diferentes estilos de dança, como o hip-hop, a dança moderna e os estudos

contemporâneos. Fonte: Letras.mus), *vogue* (Originado nas comunidades LGBTQI+, negra, latina e periférica dos Estados Unidos, ganhou popularidade nos anos 90. Tendo forte influência da moda, inspiração nas passarelas e capas de revistas, o vogue surge dentro da cultura *ballroom*. Fonte: Vongue.com), jazz lírico, balé, *dancehall* (O *dancehall* nasceu nos guetos da Jamaica e é embalado pelo som do *raggamuffin*, gênero musical também típico daquele país. No Brasil, ele ficou conhecido pelo nome do grupo que o popularizou, o francês Ragga Jam, liderado pela dançarina Laure Courellemont. No *hip-hop*, entre outras, cada um pôde contribuir com sua área de pesquisa. Dessa forma, as aulas tornaram-se mais diversas e dinâmicas, sendo ministradas em esquema de revezamento entre os bolsistas residentes, o que enriqueceu a experiência pedagógica tanto para os alunos quanto para os futuros professores.



Foto 12 e 13 - Apresentação do final do primeiro semestre

Fonte: Acervo pessoal

Nas aulas da eletiva, a turma permaneceu boa parte do início ao fim com os mesmos alunos, alguns mudaram de eletiva, outros permaneceram e, no final, tivemos trabalhos incríveis de finalização do projeto. As alunas tiveram a ideia de montar coreografias e tiveram total liberdade para isso. O tempo que tinham de descanso dentro da própria escola utilizaram para fazer a organização de suas apresentações. Foi solicitado que pensassem no que foi trabalhado e se nutrissem das práticas estudadas como fonte de inspiração e conhecimento. Deste modo, a partir do que foi trabalhado neste ano, foi possível notar como os alunos nos enriquecem e o quanto a troca de informações durante os diálogos é importante. Trazendo as experiências de cada uma, construímos um ambiente acolhedor, no qual as alunas puderam expressar livremente suas ideias, propor temas e sugerir músicas para serem trabalhadas. Essa escuta ativa das estudantes colaborou diretamente para que o processo de ensino-aprendizagem fosse mais significativo. Como nos lembra Paulo Freire, "ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção" (FREIRE, 1996, p. 25). Nesse sentido, a prática pedagógica foi construída de forma dialógica, onde ensinar também foi aprender, e onde, enquanto professores, compartilhamos conhecimentos, mas também nos colocamos como aprendizes abertos às trocas constantes.

Acima temos imagens que ilustram o encerramento do período letivo do primeiro semestre, no qual trabalhamos dança clássica, dança moderna, dança contemporânea e jazz lyrical, e no final tivemos uma coreografia montada com a ajuda de todos da turma.

. A coreografia: **Sonhador**¹, com a turma da eletiva. Foi um reflexo das ideias de cada um, dos medos, dos receios, e como algo inimaginável poderia criar uma produção cênica. A música escolhida foi "Style", da cantora norte-americana *Taylor Swift*.

O segundo semestre foi finalizado com três coreografias idealizadas com a turma da eletiva, com direção dos bolsistas residentes e do professor preceptor Me. Ramon Costa e a professora Michelle Pereira. Os conjuntos coreográficos finalizaram em uma dupla e um grupo composto por 6 pessoas, as coreografias foram a finalização da eletiva geral², constando como resultado dos processos criativos desenvolvidos dentro do componente.

Com a disciplina da trilha, foi trabalhado vídeo dança a partir do tema Estética do Corpo, que envolve expressão, fluidez e controle dos movimentos, contribuindo para a comunicação artística e a beleza da performance. Sabendo-se que os alunos teriam idade entre 14 e 18 anos, então o assunto sobre corpo poderia causar respostas adversas. Por isso trouxemos exemplos de vídeos produzidos pelos discentes do curso de dança a fim de mostrar a diversidade de corpos existentes.

A disciplina consistia em ter um produto final que seria os vídeos³ em grupos, e durante o processo foram produzidos diversos conteúdos de mídia, como fotos e vídeos, esses que foram usados posteriormente pelos próprios alunos. Cada atividade passada em sala de aula tinha o intuito de catalogar o conhecimento voltado às técnicas de filmagem e o que diz respeito à dança. Foi levada em consideração uma turma que não tinha prática de dança no seu dia a dia.

Mesmo algumas das aulas sendo de experimentação, não foi exigido que todos do grupo participassem da dança, mas que contribuíssem de alguma forma, já que era possível dentro de uma produção audiovisual existir várias fases e processos como: direção, roteiro, figurino, câmera, maquiagem. Foi então que os alunos puderam expressar as diversas habilidades que tinham, sabendo que cada corpo ali presente não era de sujeitos neutros, ou seja, cada um tinha algo a acrescentar.

4. DESAFIOS E DIFICULDADES DO ENSINO DE DANÇA NA REDE PÚBLICA

4.1 Estrutura física e recursos limitados:

O espaço da quadra, a sala de vídeo, as salas de aula, eram todos suficientes até certo ponto. Tudo influenciava para o planejamento, como iríamos nos movimentar em cada espaço e como poderíamos fazer isso em conjunto, já que seria uma turma com mais de 10 pessoas. Nós, bolsistas residentes e o supervisor, buscamos espaços na escola onde havia oportunidade de utilização em um lugar que possibilitasse maior amplitude de movimentos, no entanto, isso acarretava uma aula sem previsões, onde muitas vezes contávamos com um local e era preciso nos dirigir a outro de última hora pela oportunidade que surgia ou por alterações repentinas.

¹ <https://youtu.be/vLZSg5DkJSU?si=8Geal2HDZIR9aAeP>

² <https://youtu.be/X8Aopiiy30A?si=eBtwHUL9EZL8VcM6>

³ Dois dos vídeos dança produzido pelos alunos: <https://www.youtube.com/watch?v=r7YX0axEJtY>
<https://www.youtube.com/watch?v=bnohAPfNC3U>

Era perceptível que, em muitos momentos, não havia um real empenho por parte da escola em adequar o espaço para as aulas de dança. A falta de diálogo e atenção às demandas previamente comunicadas, como a solicitação para o uso da quadra, dos vestiários ou de melhores condições estruturais, dificultava a realização das atividades. Diante disso, a turma da eletiva precisou, por diversas vezes, impor seu espaço, mesmo que isso significasse ocupar áreas inapropriadas, como o pátio central ou corredores de passagem de alunos. Como as aulas exigiam o uso de som e movimentos amplos, acabavam por interferir no andamento de outras aulas e nos processos dos demais professores. Essa situação se tornou um dos principais obstáculos para que a Residência Pedagógica ocorresse de forma tranquila e produtiva.

Depois de um tempo, os bolsistas residentes tiveram muitos espaços limitados. Antes, era possível ter o espaço da sala dos professores para organizar o planejamento, porém, depois de alguns meses, todos os estagiários foram impedidos de permanecer na sala. Os bolsistas residentes e estagiários foram realocados para a sala de planejamento, onde não havia banheiro ou bebedouro, apenas cadeiras, e os professores usavam como sala de descanso. Depois de um tempo, a sala ficou interditada e então os bolsistas residentes tiveram que se deslocar para a biblioteca para se reunir. A escola possui uma administração e coordenação, porém muitas vezes as decisões e condutas que foram abordadas vinham dos professores.

Por mais que tivesse a disponibilidade de materiais como quadro, piloto, papel, som e qualquer outro material de pintura e desenho, ainda não existia um espaço próprio para dança. Não havia espelho, piso adequado, ventilação adequada, recurso para figurinos, maquiagem, cenário, iluminação, barras para apoio. Quando levamos a professora Taty Melis do Balé Clássico, era preciso um espaço adequado, assim como barras de suporte. Precisou ser utilizado o espaço da quadra, com o suporte das grades de ferro.



Foto 14 e 15 – Aula de Balé com a professora Taty Melis

Fonte: Acervo pessoal

A opção de solicitar orçamento para a aquisição desse espaço e os recursos necessários para a escola se torna quase uma realidade impossível. O que foi comumente realizado foi a adaptação de aulas, sendo o mais apropriado, podendo prejudicar o ensino dos alunos. O que antes era um planejamento empolgante e de interação comum entre todos os alunos, se tornou complicado, imprevisível e despreparado. Tudo isso ficou transparente para os alunos que esperavam da parte dos professores uma solução e só

receberam uma dinâmica confusa e acelerada para cumprir com o tempo e o planejamento readaptado.

Solicitar do governo qualquer recurso ou até a construção de um espaço próprio para a dança nunca foi uma possibilidade durante a Residência Pedagógica da UFS, mas é o ideal. Compreender que a Dança possui suas necessidades e suas demandas facilita para concretizar um ensino característico e justo. Não há muitas soluções, é preciso que se faça real uma possibilidade de reconstrução, ou as aulas continuarão ocorrendo de forma inadequada.



Foto 16- Sala da Trilha
Foto do acervo pessoal



Foto 17- Sala de Planejamento
Foto do acervo pessoal



Foto 18- Coordenação e Direção
Foto do acervo pessoal

4.2 Baixo apoio institucional e valorização da dança:

É comum perceber o demérito e a falta de visão ampliada sobre a Dança, levando a ignorar que deve ser e é, um conjunto importante para o ensino de crianças e adolescentes nas escolas. Entender que no dia a dia podemos perceber aquilo que dançamos como parte de nós mesmos e de nossa cultura torna a percepção sobre dança bastante diferenciada. Isso deve ser visto por todos na escola e por quem organiza as bases educacionais do estado e do país.

No Centro de Excelência Estadual Barão de Mauá, foi possível perceber que não existia qualquer chance de exigir qualquer recurso ou o local necessário para as aulas ocorrerem sem problemas. Isso ocorria pois não havia espaço, não havia abertura para exigir nada, não havia poder do lado dos residentes que fizesse possível tomar as rédeas do processo, e os professores não davam nenhum tipo de suporte, mesmo sabendo como é complicada a situação da dança no país. As artes em geral enfrentam muitos desafios, desafios esses que podem chegar a impedir a continuidade tranquila dentro dos espaços educacionais.

A dança deve ser vista como componente curricular essencial dentro das escolas, se torna algo perceptível a partir do momento em que não existe um lugar fixo ou seguro para essa linguagem artística. Tendo sempre que batalhar por espaços temporários como disciplinas complementares ou até momentos na grade horária das artes, torna o ensino raso e insatisfatório. O que compõe a dança vai desde a música, as artes cênicas, o design, o teatro entre outras linguagens, desenvolvendo-se sem limites e com bastante espaço para a exploração, podendo assim entrar como uma disciplina por si só, integrada ao currículo.

Os desafios para integrar a Dança como matéria na grade horária vão desde a readaptação de carga horária de outras matérias, como também encontrar os profissionais adequados para encaixar, já que na maioria das vezes, como foi visto dentro da escola, as disciplinas eram ofertadas, mas não com base na formação do quadro de professores da escola, mas sim vindo um roteiro para que os professores se adaptassem, grade essa montada pelo MEC. A partir do momento em que a Dança entra como uma matéria fixa do currículo, é preciso adequar todos os requisitos materiais e imateriais. Não existe a possibilidade de readaptação diária, tornando o ensino raso e insatisfatório. É preciso que o espaço seja próprio para que o planejamento siga sem intempéries.

A maior problemática com relação à visão da escola sobre a dança vem do saber fazer e de seus significados. Muitos acreditam que a dança não passa de um processo experimental e recreativo, tão importante quanto uma coreografia de fim de ano, onde não será exigido ou sequer analisado nenhum desenvolvimento com as técnicas de dança.

Aquilo que deveria ser um processo de acréscimo, se torna descartável e apenas momentâneo, sem o pensamento e a necessidade de perdurar durante todo o desenvolvimento dos alunos em sua vida. A escola possui diversas matérias e componentes que são de grande ajuda para os alunos, mantendo-os integrados no ensino. A Dança não é diferente dessa percepção.

4.3 Adaptações pedagógica para as aulas de dança:

Era solicitado aos bolsistas residentes planejamentos das aulas, no qual estivesse o foco das próximas aulas e das habilidades exploradas, recursos e locais necessários. Era preciso sempre se manter naquilo que seria possível com as limitações da escola, mesmo sabendo que seria permitido explorar diversos espaços e diversas dinâmicas. O controle estava totalmente nas mãos dos bolsistas residentes, mantendo-se próximos daquilo que era retratado e explorado dentro da universidade e nos estágios anteriores.

Em certos momentos, era preciso unificar uma parte do planejamento com a outra, como quando se fez preciso acelerar o processo de criação, fazendo de dois dias de ensaio um único dia. Ou até adicionando dias para estudos e ensaios, assim que se tornava perceptível que não seria o suficiente as datas que foram proporcionadas para os bolsistas residentes completarem as atividades com os alunos.

Para os momentos em que não existiam lugar para as atividades, muitas vezes era preciso ocupar espaços que não eram de “todos”, como a sala de música, ou até a sala de teatro, voltada para as artes cênicas, como teatro, música e pintura, sem adaptações práticas para as aulas de dança. Nós fizemos essa realocação também quando necessitamos de um espaço para compartilhar assuntos teóricos sobre Artes, porém não foi informado para os bolsistas residentes que a sala da turma da qual eles usualmente possuem estaria sendo o local de prova de outra turma. Então deslocamos todos para a sala de teatro, onde também ocorriam as aulas de música, com recursos à disposição como violão, microfones, teclado etc.

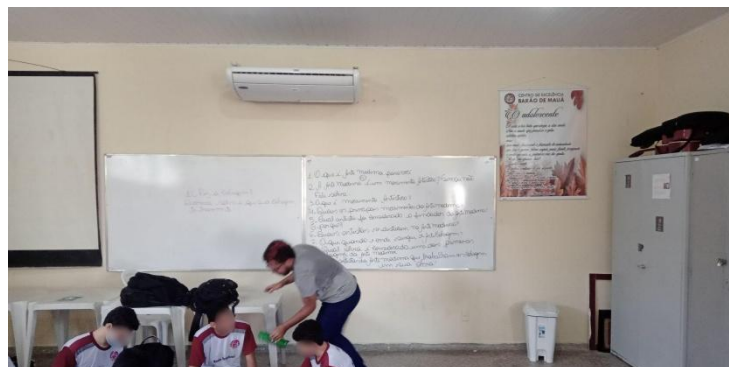


Foto 19 a 21 – Sala de Teatro/Música

Fonte: Acervo pessoal

Em diversos momentos, foram solicitadas aplicações de provas sem qualquer aviso prévio, muitas vezes coincidindo com o horário das aulas já programadas. Também houve demandas como o auxílio a professores na organização da sala, materiais ou chamada de alunos fora da sala devido ao horário de almoço que atrasava por diversas vezes, o que causava atrasos no cronograma do Programa de Residência Pedagógica. Tais situações acabaram exigindo que os bolsistas residentes abrissem mão de outras atividades fora da universidade. Para contornar esses impasses, foi necessário realizar reuniões com a coordenação escolar, a fim de estabelecer limites e reorganizar as ações dos bolsistas residentes dentro do ambiente escolar, promovendo maior equilíbrio entre as exigências do programa e as condições reais de atuação.

Quando era necessário o uso de materiais que a escola não providenciava, mas a atividade não podia ser substituída, já que era essencial para a realidade do processo ser proveitosa, os bolsistas residentes arcaram com as despesas. Assim como quando era necessário figurino ou até materiais de apoio para as apresentações, porém a escola não teria o tempo ou até o recurso financeiro suficiente para dar o suporte aos bolsistas residentes e alunos, era preciso levar de suas próprias residências ou atender com seus objetos pessoais para participar da apresentação de forma par. Assim como ocorreu na apresentação de final de semestre com a turma da eletiva, cada aluna com sua roupa própria e seus objetos pessoais.

Muitas vezes era necessário criar dinâmicas que atraíssem a atenção dos alunos, porém o impedimento financeiro tornava a aula mais básica e comum. Era sempre uma busca dos bolsistas residentes de manter certa flexibilidade, tornando assuntos extensos em um jogo de mapa mental ou de memória. Construindo em conjunto uma percepção sobre certos assuntos em um cordel, ou até criando quadros e colagens com contextos que fariam parte da avaliação, tornando assim o dia a dia na escola mais criativo e menos repetitivo, gerando por consequência uma melhor relação com alunos que antes não tinham uma facilidade para acompanhar aulas comuns expositivas com o professor na lousa, escrevendo o assunto e todo o conteúdo que irá constar na avaliação e nenhum outro aprofundamento além. Muitos alunos ainda assim não tinham uma grande participação no processo da aula, e por mais que fosse modificada a aula para tentar agregar essas pessoas dentro da sala de aula, muitas vezes as problemáticas excedem o campo da escola. O conselho da escola era acionado então, tanto para com o aluno, quanto para a conduta que deveria ser empregada pelo residente em sala de aula.

Era sempre avaliado de forma justa o empenho e a participação de cada aluno em sala de aula, pontuando-se em reunião dos bolsistas residentes suas dificuldades pessoais, para que assim fosse compreensível e adaptada a avaliação individual. Não era possível acompanhar os alunos sem os deixar saber que seus esforços eram de alguma forma recompensados, podendo ou não estar dentro dos padrões exigidos pela escola e o programa de residência.

4.4 Engajamento e interação com os alunos:

Para adequar tanto o plano quanto também ambientar os alunos no que estava sendo explicado durante a aula, era preciso ter uma boa clareza e saber que qualquer assunto que ensinássemos poderia ser algo inédito para eles, assim como alguns poderiam já ter algum conhecimento sobre. Muitas vezes, ao questioná-los se conheciam algum artista, como o artista brasileiro Hélio Oiticica, Anita Malfatti, Heitor Villa Lobos, muitos não sabiam sobre, já que não eram populares em sua geração, ou até nunca buscaram sobre ou alguém chegou a lhes apresentar antes daquele momento em sala de aula.

Em uma dinâmica sobre Artes e a música em específico, fizemos uma mistura com artistas conhecidos e enfatizamos como as letras de suas músicas são importantes. Mostramos pessoas da atualidade que possuem grande influência e apoiam a diversidade humana sem qualquer preconceito, como Gloria Groove, Liniker, Urias, entre outros artistas que ocupam grande espaço no campo da música no Brasil. Também foi apresentada a cena do rap, do grafite e funk e como muitas pessoas passam por uma batalha diária para reafirmar seu espaço no mundo, o que ajudou a entrosar a turma, pois muitos já conheciam sobre esses assuntos, ou até tinham certo receio sobre e em sala foram sanadas as dúvidas.

Muitas vezes em que havia a chance de explicar sobre algo e fosse da alçada do residente, a pessoa tomava a frente para exemplificar melhor. Em alguns momentos, havia interrupções, ou até formas diferentes de lecionar em sala de aula um mesmo assunto, mostrando assim uma confusão ou até pouco entrosamento. Por isso, o planejamento se fazia tão importante, reunindo os bolsistas residentes e definindo o que, como, quando e onde abordar certos assuntos.

Ter o completo controle da sala de aula gera uma grande responsabilidade, pois aquilo que para os alunos é novidade vai se tornar fato após ser repassado pelos professores. Tudo que era dito pelos bolsistas residentes necessitava ser embasado no concreto e no fato. Então, quando havia discursos dentro da sala de aula, abordando pontos de vista diferentes, passavam a evadir o conceito e a necessidade buscada dentro do projeto de residência, que era passar os fatos, mostrando todos os lados.

Em diversos momentos, era possível se encontrar com a construção política dentro dos assuntos abordados em sala de aula, muitas vezes por ser uma questão que cabia a diversos grupos distintos da sociedade. Os movimentos artísticos, em suma, são políticos por si só, apenas por existirem, criticar, expressar, designar, construir, desenhar uma vivência em forma de linguagem.

Mostrar as diferentes pessoas e personagens da sociedade brasileira através das artes, construindo assim uma percepção sobre como o país vive em diferentes conjuntos sociais e classes, tornou o ambiente de sala de aula um espaço amplo para compartilhar opiniões, engajando ainda mais a turma, atraindo-os para participar de forma mais efetiva em sala de aula. Sendo óbvio que era sempre preciso manter o respeito, a dignidade e a coerência no momento de construir qualquer pensamento sobre as noções de Arte na sociedade e o que ela comunica.

Era possível perceber que eles traziam de dentro e de fora da escola certas vivências para compartilhar tanto durante o ensino de Artes como na eletiva de Dança. Em certos momentos, foi construído um imaginário que os fazia olhar para dentro de si,

entender seus sentimentos, suas sensações. Muitos experimentaram pela primeira vez a vivência com dança sem julgamentos, mas sim parâmetros visando a melhora, construindo assim uma percepção de autoestima independente de quem eram e de onde vinham ou até como dançavam.

Quando era preciso entrar em uma percepção sobre a dança em que muitos não possuíam, era possível concluir que não podia ser aplicada uma aula de nível avançado. Era necessário explorar, construir e calibrar cada percepção sobre a dança e o que estava sendo dançado, mas não era possível manter uma imagem regrada e elitizada sobre a dança, já que nem todos vinham de um berço da dança, onde já tinham vivenciado as diversas danças, sejam elas populares ou não. Uma grande parcela estava experimentando a dança pela primeira vez na escola, vendo e vivenciando as técnicas pela primeira vez, por isso era preciso respeitar seus limites e corpos.

Era possível perceber que, ao final de cada experiência, eles possuíam uma maior afinidade de envolvimento uns com os outros. Construindo assim, em conjunto, uma parcela significativa de colaboração, mostrando que, mesmo que não se conhecessem anteriormente nas aulas, podiam interagir entre si e criar novos laços. Os projetos em grupo ou em conjunto auxiliaram diversas pessoas que antes se mantiveram tímidas e acuadas no fundo das filas e sala a se exporem mais, apresentando o que também tinham a oferecer.

5. ANÁLISE DOS RESULTADOS E IMPACTOS OBSERVADOS

5.1 Benefícios da dança no desenvolvimento dos alunos:

Foi possível perceber que, durante o processo de prática com os alunos, muitos que participaram do primeiro semestre dentro da Eletiva de Dança tinham algum tipo de receio ou até timidez em relação a experimentar os movimentos, em participar das apresentações, algo que foi superado no decorrer do segundo semestre. Antes, quem apenas se aproximava de pessoas conhecidas dentro da sala de aula, já que era uma turma mista entre as três turmas do ensino médio, passou a interagir e conversar com outras pessoas.

A forma como se expressam, construindo uma desenvoltura durante as performances, era algo que os bolsistas residentes prezavam por trabalhar com os alunos durante as aulas. Foi possível perceber que passou a se tornar menos complexo e até mais comum para todos iniciar a aula com alongamentos, prosseguir com uma exploração de movimentos, criar, coreografar, expor.

Antes, quem não conhecia a dança já passou a ter mais interesse em pesquisar sobre, levar em consideração suas preferências e até seus gostos em relação a essa linguagem artística. Os alunos diversas vezes compartilhavam experiências externas em relação à dança, mostrando como as aulas na escola tinham-lhes impulsionado para tal. Como apresentações em teatro, apresentações em eventos, ou até dentro da escola, mas criações próprias, que não foram trabalhadas nas aulas.

Essa desenvoltura não surgiu apenas na eletiva, foi possível ver diversos alunos criando dentro de outras linguagens artísticas, como vídeos, pinturas, cordéis, histórias em quadrinhos. É de grande importância observar e compreender que esse impulso que surge

na sala de aula é fundamental, pois além do ambiente ter grande relevância social, ainda comprova que as pessoas podem alcançar seus sonhos onde quer que esteja sua vontade, sendo preciso estudo, técnica, inspiração e ânimo, algo que ascende ainda mais dentro da escola.

5.2 Reflexões sobre a prática e formação docente:

Em cada aula ministrada, em cada nova turma, é possível ver um novo cenário a ser conhecido, a ser dialogado, saber o que cada estudante tem a dizer e a contribuir influencia muito o decorrer de cada aula. É interessante perceber como a entrega mútua pode criar um espaço confortável para o desenvolvimento do ensino da dança, porém, para chegar a resultados positivos, nunca sabemos em quanto tempo pode levar para isso acontecer.

Mesmo sendo um conjunto, cada cabeça pensa de uma forma, então depende não só dos alunos, mas do professor saber como direcionar a turma. Nesse sentido, segundo Gualda (2008, p. 209), “alguns profissionais propõem um ensino de dança no qual o corpo é visto como uma rica fonte de conhecimento e que, quando não objetificado, pode ser o lugar para a reflexão, conduzindo os alunos a realizarem movimentações pensadas e condizentes com a anatomia dos seus corpos, sabendo e respeitando sempre o seu próprio limite e tentando trazer entendimento sobre a movimentação que estava executando.”

Sendo assim, a experiência no Centro de Excelência Barão de Mauá foi de suma importância para entender a complexidade da prática da dança nas escolas. Existem diversos elementos básicos para que seja feita a prática de dança, e naquele espaço existiam muito menos que o básico, então exigia dos profissionais flexibilidade e capacidade de adaptação, para assim conseguir lidar com as mais diversas situações que surgiam no meio do caminho. Achar soluções para esses obstáculos ajudou a desenvolver o pensamento estratégico para melhorar a experiência dentro e fora das aulas.

6. CONCLUSÃO

Trabalhar com Artes com ênfase em Dança no ensino médio através do Programa Residência Pedagógica que o curso de Licenciatura em Dança proporcionou, abriu diversas portas para a experiência docente. Entrar em sala de aula e poder construir o planejamento por meio da Base Nacional Curricular Comum proporciona uma amplitude para alcançar diversas habilidades necessárias para a educação integral dos alunos.

O ensino através das artes mostrou uma chance para a descoberta de interesses e habilidades que cada aluno possa ter, porém não tiveram o espaço para a exposição ou aprofundamento de técnicas e aprendizado; isso se fez possível através de aulas ministradas pelos bolsistas residentes. A cada novo tópico abordado, foi possível

analisar a desenvoltura de cada um em sala de aula, o que cada um se via confortável em trabalhar e o que tinham interesse em começar a aprender.

Foi possível explorar e vivenciar a Dança em sala de aula, assim como criar diversas dinâmicas que instigam a colaboração e a desenvoltura e autoestima de cada um. Quem no princípio acreditou ter muitos impedimentos, passou a aprender melhor sobre os próprios corpos e sobre a arte da dança, podendo então criar mais confiança e apreço por essa linguagem.

As criações em sala de aula e fora dela se firmaram como grandes produções, principalmente vindo de um grupo de estudantes que afirmou nunca ter tido uma experiência com dança anteriormente às aulas com os bolsistas residentes. As apresentações ao final de cada semestre, assim como as experimentações em cada aula, mostraram como os estudos em sala de aula estavam gerando resultados positivos, mentais e corporais, provando que a Dança pode e deve ser uma das bases do currículo e da grade curricular nas escolas.

Apesar de todo o esforço dos alunos e bolsistas residentes, foi preciso superar e desviar de diversos desafios. Choque de horários ou a alteração deles dentro da escola, ou até a falta de espaço para a prática das aulas, tornou-se algo recorrente que precisou ser adaptado de forma imediata e muitas vezes improvisada pelos professores preceptores e os bolsistas residentes em conjunto, visando proporcionar um ensino integral e sem falhas. O espaço precisou ser adaptado, muitas vezes a dinâmica e atividade que precisavam de uma sala precisaram ser deslocadas para o pátio, minando assim a chance de privacidade para a prática dos alunos.

É preciso gerar mais investimento para as Artes nas escolas públicas, construindo espaços apropriados, agregando a possibilidade de explorar outras danças, como clássicas, urbanas e contemporâneas. Ter materiais de apoio, como roupas, sapatilhas, joelheiras, e até materiais utilizados em espetáculos, como cenário, figurino e até bambolês, faixas e fitas, poderia ser acrescentado dentro das prioridades da escola. Assim como também um ponto de primeiros socorros ou até uma enfermaria para qualquer urgência, já que a dança exige do corpo humano e de sua movimentação pelo espaço, e até que os alunos estejam aperfeiçoados com o que é preciso ser feito para evitar qualquer possível machucado, um ponto de emergência se faz necessário. Independente de dificuldades físicas, foi possível contornar a situação e tornar as aulas proveitosas, passando assim o conteúdo sem necessidade de abdicar de muitos tópicos.

Para a formação de professores, é necessária a experiência antes do ingresso nas escolas, assim como a ampliação de vagas para professores da área das Artes. É preciso ter ciência de que o profissional das Artes vai ser capaz de alcançar cada aspecto e linguagens que possam contribuir para o desenvolvimento de cada aluno. Tanto o desenvolvimento motor, como profissional, comunicativo, cultural, mental, crítico, reflexivo, humano e entre outros quesitos que vão estruturar a potência curricular dos alunos que saem do ensino escolar.

A residência como base para o aprendizado e a introdução da prática como docente é de grande proveito. Vivenciar a forma que o governo limita o investimento na educação e gera pouco espaço para as Artes na grade horária do currículo também serviu para abrir a visão do que esperar quando enfim efetivados em uma escola de

ensino médio e fundamental. Podendo surgir então mais pesquisas de desenvolvimento e prática artística dentro das escolas, partindo do viés transformador que gera desenvoltura e conquista em cada linguagem.

A pesquisa sobre o ensino à criança e ao adolescente, visando sua construção curricular através da Dança, abre espaço para a percepção das dificuldades diárias que tornam essa prática um desafio. Construir um aprofundamento sobre a carga horária e o espaço da Dança e Artes dentro do currículo precisa ser investigado e assim proporcionar uma melhora nos quesitos materiais e imateriais. Assim como é preciso explorar as realidades vividas dentro das comunidades dos alunos que ingressam no ensino público, podendo melhor alcançar cada um dentro de sala de aula.

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

WEBSTER, Maria H; PADUAN, Caio; **Arte dança preposições para o ensino médio**, São Paulo, Editora do Brasil, 2020.

RANGEL, A. **Dançar**: Expressão e Conhecimento do Movimento. Sprint, 2001.

LOPES, M. C. **Corpo e Cultura**: As Danças Populares e a Arte/Educação. Cortez Editora, 2006

MARINHO, A. M. **Metodologia do Ensino da Dança**: Uma Visão Praxiológica. Sprint, 2009

DALLABRIDA, P. **Dança Educação**: Teoria e Prática Pedagógica. Editora Appris, 2015

RISÉRIO, A. **Corpo e Alma do Brasil**: Ensaios de Antropologia da Dança. Editora 34, 2001

Marques, I. **Dança na escola: arte e ensino**. TV ESCOLA/ SALTO PARA O FUTURO, Rio de Janeiro. 2012.

Sánchez, A. M. A. **O Corpo que Dança**: Experiência e Compreensão. Summus Editorial. 2011.

Duarte, E. **Dança e Educação**: Reflexões sobre a Formação do Educador. Editora Papyrus. 2008

GUALDA, Luciana. **FORMAÇÃO PARA O ENSINO DE DANÇA: pensamento de professores**. Rev. Diálogo Educ., Curitiba, v. 8, n. 23, p. 207-220, jan./abr. 2008. Disponível em: <file:///D:/Universidade%20Federal/2019.1/Produ%C3%A7%C3%A3o%20de%20texto/Dan%C3%A7a%20e%20Pensamento.pdf>

GALELLI, Cinthia. **Hoje a aula é na rua: as ressignificações do espaço de ensino**. Revista Investigações Vol. 31, nº 2, Dezembro/2018. Disponível em: <file:///D:/Universidade%20Federal/2019.1/Produ%C3%A7%C3%A3o%20de%20texto/Aula%20%C3%A9%20na%20rua.pdf>

L13278. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2016/Lei/L13278.htm>. Acesso em: 23 jan. 2025.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996. (Coleção Leitura).